

COVID-19 E MÍDIA: UMA ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DA GRADUAÇÃO

COVID-19 AND MEDIA: ANALYSIS OF THE PERCEPTION OF UNDERGRADUATE STUDENTS

Fernanda Lima Marçal¹
Gabriela Souza Teixeira²
Letícia Duarte Silva³
Otávio Diniz de Araujo Furtado⁴
Raquel Carvalho Teodoro⁵
Yara de Oliveira Pena⁶
Bruna Celestino Schneider⁷
Robson Evangelista dos Santos Filho⁸
Milena de Oliveira Simões⁹

RESUMO: A partir do contexto pandêmico marcado pela desinformação, o presente trabalho tem como objetivo entender o acesso a informações, o conhecimento e o comportamento de estudantes do Ensino Superior em relação à Covid-19. Para tanto, foi realizado um estudo transversal com uma amostra de universitários do 1^o ao 4^o período dos cursos da UFJF-GV, com aplicação de questionário e análise estatística dos dados coletados. Os resultados demonstraram que tanto os alunos da área de Ciências da Saúde quanto das Sociais fazem uso de fontes da imprensa e ciência, tidas como mais confiáveis que redes sociais; checam conteúdos, conseguem identificar fake news sobre a Covid; e, reconhecendo a comunicação como função do SUS e diante da atuação do Ministério da Saúde na pandemia, priorizam orientações da OMS.

597

Palavras-chave: Covid-19. Mídia. Ensino superior.

¹Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0257-6460>

² Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2600-4459>

³Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9511-039X>

⁴ Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1011-9801>

⁵ Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5734-6852>

⁶Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – campus Governador Valadares ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9038-1940>

⁷Doutorado em Epidemiologia (Programa de Pós-graduação em Epidemiologia) – (Universidade Federal de Pelotas, UFPEL); ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1035-0106>

⁸ Doutorando em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e mestre em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8560-9768>

⁹ Mestre e doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e docente na Faculdade de Medicina e de Nutrição da Universidade Vale do Rio Doce (Univale) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1088-7456>

ABSTRACT: Considering the pandemic context marked by disinformation, this research seeks to understand the access of information, the knowledge and the behaviour of university students regarding Covid-19. Therefore, a cross-sectional study was carried out with a sample of students from the 1st to 4th semesters of all courses from UFJF-GV, with the application of a questionnaire and statistical analysis of the data collected. The results showed that both students of Health Sciences and Social Sciences make use of press sources and scientific sources, considered more reliable than social media; They check content and can identify fake news about Covid. Furthermore, they recognize the communication as a SUS function and, in the face of the role of the Ministry of Health in the pandemic, they prioritize the guidelines of the WHO.

Keywords: Covid-19. Media. University education.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu a notificação sobre a existência de um surto na cidade de Wuhan, China e, em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O agente etiológico identificado tratava-se de um novo tipo de coronavírus, o SARS-COV-2, causador da Covid-19 (NORONHA et al., 2020). O SARS-COV-2 se diferencia pelo seu alto potencial de contágio e sua fácil transmissibilidade, que ocorre de humano para humano por via respiratória e contato direto, justificando o grande número de pessoas infectadas pelo mundo (KHASAWNEH et al., 2020).

Os dados epidemiológicos atuais evidenciam 640.774 mortes por Covid-19 no Brasil e 5.844.097 casos em todo o mundo (OMS, 2022, dados disponíveis em 17 fev. 2022). Diante desse cenário, cabe ressaltar o papel das mídias sociais nas mudanças da opinião pública. A exemplo, a sua capacidade de influenciar a sociedade, disseminando informações infundadas e falsas, caracterizando uma desinformação pela disseminação de *fake news* na área da saúde (ALNASSER et al., 2020).

Pesquisadores afirmam que o nível de conhecimento sobre a pandemia da Covid-19 está associado com variáveis demográficas como nacionalidade, idade e nível educacional (ALNASSER et al., 2020). Em relação à escolaridade, destaca-se uma relação entre um maior nível de conhecimento sobre o assunto entre estudantes de graduação, havendo um bom conhecimento entre universitários acerca da doença, principalmente entre os estudantes da área da saúde (OLAEMAT et al., 2020). Além disso, verifica-se que grande parte deste conhecimento é adquirido através de fontes oficiais do governo e das mídias sociais (SALAMEH et al., 2021). Com isso, entende-se que há uma frequente busca por informações

relevantes acerca da pandemia de Covid-19 por parte dos estudantes, a qual inclui a rota de transmissão do vírus, os sintomas que a doença apresenta e suas complicações (OLAIMAT et al., 2020). Ainda, reconhece-se que a mídia tem papel fundamental na disseminação destas informações (ALNASSER et al., 2020).

Portanto, dada a relevância do tema, propôs-se entender, através deste estudo, a percepção dos acadêmicos em relação ao conhecimento e às informações transmitidas pelos meios de comunicação na implementação de cuidados relacionados à Covid-19, bem como sua atuação no cenário da saúde pública.

2. Proposta metodológica

Trata-se de um estudo transversal realizado com alunos matriculados do 1º ao 4º período de todos os cursos da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus avançado de Governador Valadares (UFJF-GV).

Inicialmente, foram identificados 1760 alunos matriculados entre o 1º e 4º período no segundo semestre do ano de 2020. Eles foram divididos em dois grupos de acordo com a área do curso: Área de Ciências da Saúde (Educação Física, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Nutrição e Odontologia), constituída de 960 estudantes; e Área de Ciências Sociais (Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e Direito) com 800 alunos. Os critérios de inclusão no estudo foram: ter 18 anos ou mais e estar cursando o 1º até o 4º período da faculdade. Foram excluídos os alunos matriculados em disciplinas nos períodos em questão (1º a 4º) mas que pertenciam a períodos acima (5º em diante).

Para a obtenção dos dados, foi utilizado um questionário único, de confecção própria dos pesquisadores, padronizado e estruturado por meio da plataforma virtual *Google Forms*. O instrumento continha 38 questões que compreendiam características gerais dos participantes (idade, curso, renda, dependência ou não do sistema público de saúde brasileiro); como era feito o uso da mídia pelos estudantes e, por fim, a confiabilidade dos alunos em relação aos conteúdos transmitidos nos meios de comunicação. A coleta de dados foi realizada no período de 26 de agosto de 2020 a 01 de dezembro de 2020.

Os dados foram analisados no software estatístico STATA, versão 16 (StataCorp. 2019. Stata Statistical Software: Release 16. College Station, TX: StataCorp LLC.). Foram descritas as frequências absolutas e relativas das variáveis categóricas e verificada a diferença na percepção dos estudantes em relação à Covid-19 conforme a área do curso

(saúde ou ciências sociais). Foi aplicado teste qui quadrado de Pearson com significância estatística de 5%.

O presente estudo foi previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora sob o parecer 4.210.712 e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3. Resultados

Conforme a Tabela 1, 382 estudantes foram convidados a responder ao questionário da pesquisa, 9 (2,3%) recusaram a participação, totalizando 373 (97,6%) alunos no estudo. A maioria era do sexo feminino (n=261; 69,9%), tinha idade entre 18 e 22 anos (n=329; 88,2%), matriculados em cursos na área de Ciências da Saúde (n= 297; 79,6%), principalmente Medicina (n= 114; 38,3%), e estavam no primeiro período (n= 111, 29,7%). A maioria dos discentes (n= 159; 42,6%) possuía renda familiar de 1,5 a 4,5 salários-mínimos e utilizava o Sistema Único de Saúde (SUS) em conjunto com o sistema privado (n= 211; 56,5%).

Tabela 1 – Características gerais da amostra de estudantes do 1º ao 4º período da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus avançado de Governador Valadares, MG, Brasil, 2020

Variáveis	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Sexo		
Feminino	261	69,9
Masculino	112	30,0
Curso		
Ciências da saúde	297	79,6
Ciências sociais	76	20,3
Período (semestre)		
1º	111	29,7
2º	94	25,2
3º	85	22,7
4º	83	22,2
Idade (anos completos)		
18-22 anos	329	88,2
23-27 anos	27	7,2
28-32 anos	9	2,4
33+ anos	8	2,1
Renda familiar (salário-mínimo)		
Até 1,5	84	22,5
De 1,5 a 4,5	159	42,6
De 4,5 a 10	94	25,2

De 10 a 30	36	9,6
Qual sistema de saúde você utiliza?		
SUS e sistema privado	211	56,5
Exclusivamente sistema privado	50	13,4
Exclusivamente SUS	107	28,6
Nenhuma das alternativas	5	1,3

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em relação ao uso da mídia e percepção sobre o SUS na pandemia (Tabela 2), verificou-se que grande parte dos participantes se baseava nas informações dos meios de comunicação para prevenir-se da Covid-19, representando 94,1% (n=351). Quanto ao meio mais utilizado na obtenção de informação, os artigos científicos se destacaram com 29,3% (n=109) e, dentre as fontes de informação na internet, os portais de notícias e redes sociais da grande mídia foram os mais acessados (n=272; 72,9%). Foi identificado que 67,8% (n=253) dos entrevistados checavam as fontes de todas as notícias que recebiam. Sobre o conhecimento dos acadêmicos quanto à função do SUS no contexto da epidemia, os participantes assinalaram mais de uma alternativa dentre as opções dispostas, sendo que a maioria destes acreditaram que sejam atribuições: atender aos suspeitos de Covid-19, realizar suas internações caso necessário e realizar testes para detecção da doença, porém apenas 45,0% (n=168) dos respondentes da pesquisa acreditaram que a realização de pesquisas sobre tratamentos, vacinas e medicamentos seja função do SUS.

Tabela 2 – Uso da mídia e percepção sobre o SUS durante a pandemia por estudantes do 1º ao 4º período da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus avançado de Governador Valadares, MG, Brasil, 2020

Perguntas	Opções de resposta	Frequência absoluta	Frequência relativa (%)
Meios de comunicação como base de informação	Sim	351	94,1
	Não	22	5,9
Meio de comunicação mais utilizado para se informar sobre a Covid-19	Não acesso nenhum meio	5	1,3
	Artigos Científicos e/ou outros materiais	109	29,3
	Jornais e revistas impressos ou online	89	23,9
	Redes sociais	83	22,3
	TV aberta e fechada	86	23,1
	Não utiliza internet	3	0,8
	Mensagens de contatos e perfis que segue	27	7,2

Principal fonte de informação na internet	Portais de notícias e redes sociais da grande mídia	272	72,9
	Páginas da mídia alternativa	50	13,4
	Nenhuma das alternativas	21	5,6
Checagem dos conteúdos recebidos	Sim	253	67,8
	Não	120	32,1
Atribuições do SUS no contexto da epidemia	Atender os suspeitos com Covid-19	297	79,6
	Se preciso, promover a internação dos pacientes	344	92,2
	Realizar testes para a detecção da Covid-19	337	90,3
	Disponibilizar informações e orientações sobre a covid para a população em geral	317	84,9
	Definir as estratégias para conter a pandemia	212	56,8
	Realizar pesquisas sobre possíveis medidas de tratamento, como medicamentos e vacinas	168	45,0
	Realizar o monitoramento de pacientes, suprimento de equipamentos, força de trabalho, logística e comunicação	294	78,8

Fonte: Elaboração pelos autores.

Na Tabela 3 é possível observar as opiniões e o conhecimento dos estudantes acerca da Covid-19 e das atitudes no enfrentamento da pandemia. A maior parte dos alunos relatou que buscaria mais ajuda em caso de sintomas leves de Covid-19 por ligação telefônica em relação aos outros tipos de procura por ajuda. Esse comportamento é maior entre os alunos das Ciências Sociais (52,6%) em relação aos alunos das Ciências da Saúde (38,3%), $p = 0,005$. Além disso, identificou-se que os alunos da área da saúde, em relação aos alunos da área das ciências sociais, relataram buscar mais ajuda em UBS (35,3% vs. 15,7%) e em hospital público (3,0% vs. 0,0%), ao passo que os estudantes da área das sociais informaram utilizar mais o hospital privado (10,5% vs. 7,0%). Em relação à pergunta “Se você apresentar sintomas graves da Covid-19, onde procuraria ajuda?”, os maiores percentuais de ambas as áreas foram verificados nas opções “Unidade de Pronto Atendimento” (31,31%, Ciências da Saúde; 28,9%, Ciências Sociais), “Hospital Público” (27,9%, Ciências da Saúde; 23,6%, Ciências sociais) e “Hospital Privado” (26,2%, Ciências da Saúde; 35,5%, Ciências Sociais).

Ademais, a afirmativa “Fumar aumenta o risco de desenvolver a forma grave da Covid-19” foi maior entre os alunos da área das Ciências da Saúde (75,4%) em relação aos da área das Ciências Sociais (57,8%), $p=0,010$. A neutralidade ou dúvida sobre o efeito do cigarro na forma grave de Covid-19, opção “Não concordo e nem discordo”, foi referida por

18,1% dos alunos das Ciências da Saúde e 31,5% dos alunos das Ciências Sociais. Já a concordância com a afirmativa “Perda de paladar e olfato podem ser sintomas da Covid-19” foi maior entre os estudantes da área das Ciências da Saúde (96,9%) em relação aos da Ciências Sociais (90,7%). Em ambos os grupos, a maioria dos estudantes concordaram que a afirmativa “O isolamento social constitui uma medida importante para reduzir a velocidade de disseminação da Covid-19” estava correta (95,9%, Ciências da Saúde; 92,1%, Ciências Sociais) e que a afirmativa “Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previnem a Covid-19” era incorreta (93,6%, Ciências da Saúde; 90,7%, Ciências Sociais).

Tabela 3 – Percepções sobre a pandemia de Covid-19 conforme a área do curso na amostra dos estudantes do 1º ao 4º período da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus avançado de Governador Valadares, MG, Brasil, 2020

Perguntas	Opções de resposta	Frequência relativa (%)		Valor p
		Ciências da Saúde	Ciências Sociais	
Local que procuraria ajuda em casos de sintomas leves da Covid-19	Órgãos de saúde, via ligação telefônica	38,3	52,6	0,005
	Unidade Básica de Saúde	35,3	15,7	
	Unidade de Pronto Atendimento	1,6	5,2	
	Hospital Público	3,0	0,0	
	Hospital Privado	7,0	10,5	
	Não procura	14,4	15,7	
Fumar aumenta o risco de desenvolver a forma grave da Covid-19	Concordo	75,4	57,8	0,010
	Discordo	6,4	10,5	
	Não concordo e nem discordo	18,1	31,5	
Perda de paladar e olfato podem ser sintomas da Covid-19	Concordo	96,9	90,7	0,012
	Discordo	0,3	3,9	
	Não concordo e nem discordo	2,6	5,2	
Local que procuraria ajuda em casos de sintomas graves da Covid-19	Órgãos de saúde, via ligação telefônica	4,0	5,2	0,499
	Unidade Básica de Saúde	8,4	6,5	
	Unidade de Pronto Atendimento	31,3	28,9	
	Hospital Público	27,9	23,6	
	Hospital Privado	26,2	35,5	
	SAMU	2,0	0,0	
	Concordo	95,9	92,1	0,110

O isolamento social é uma medida importante para reduzir a disseminação da Covid-19	Discordo	0,3	2,6	
	Não concordo e nem discordo	3,7	5,2	
Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal e vinagre previnem a Covid-19	Concordo	0,3	0,0	0,548
	Discordo	93,6	90,7	
	Não concordo e nem discordo	6,0	9,2	

Fonte: Elaboração pelos autores.

Em relação à avaliação do nível de confiança, por parte dos participantes da pesquisa, os artigos científicos e a OMS lideraram com alto índice na escala de fontes confiáveis (nível 5), com 69,1% cada, como descrito na Tabela 4. Já em relação aos conteúdos transmitidos e acessados na mídia, o menos confiável deles (nível 1) foram os perfis de pessoas e contatos que os participantes seguiam nas redes sociais, com 29,3%. Ademais, cabe ressaltar que a TV foi o meio que os participantes menos utilizaram para se informar, com 10,8%, seguidos de jornais e revistas impressos e online, com 8,1%.

Tabela 4 – Confiabilidade em relação a fontes e conteúdos dos meios de comunicação pelos estudantes do 1º ao 4º período da Universidade Federal de Juiz de Fora – campus avançado de Governador Valadares, MG, Brasil, 2020

Fonte de informação	Escala de confiança (%) (1 = não confia; 5 = confia totalmente)					
	Não utiliza	1	2	3	4	5
TV	10,8	3,5	9,1	32,8	36	7,8
Jornais e revistas impressos e online	8,1	1,3	5,9	29,8	46	8,9
Portais de notícias e redes sociais de veículos da grande mídia na internet	1,9	7	19,1	39	27,7	5,4
Páginas de notícias da mídia alternativa na internet	7,5	13,7	30,9	31,7	14,2	1,9
Perfis de pessoas que segue e contatos nas redes sociais	7	29,3	37,9	19,9	5,1	0,8
Artigos científicos	5,6	1,9	16	3,5	23,4	69,1
Ministério da Saúde	0,8	4	3,2	16,7	30,4	44,9
Organização Mundial da Saúde	0,5	1,9	1,6	3,5	23,4	69,1

Fonte: Elaboração pelos autores.

4. DISCUSSÃO

Os resultados apresentados mostram que os meios de comunicação foram a principal fonte de informação sobre a Covid-19 durante a pandemia na população estudada. Em um contexto de viroceno, as práticas sociais foram marcadas pelo novo coronavírus, sobretudo os processos comunicacionais. A comunicação na pandemia se deu de modo intenso, abrangendo todos os tipos de mídias e configurando-se como uma pandemídia, que não é exclusiva do momento pandêmico atual, mas que foi exacerbada por ele (ARAÚJO; CORDEIRO, 2020).

Ao observar os resultados, notou-se que jornais e revistas impressos e online (n= 89; 23,9%), redes de tv abertas e fechadas (n=86; 23,1%) e redes sociais (n=83, 22,3%) foram meios bastante utilizados e em proporções semelhantes. Contudo, provavelmente em função do público da pesquisa ser essencialmente acadêmico, as produções científicas destacaram-se como a maior (n=109; 29,3%) e mais confiável (73,4% disseram confiar completamente nelas) fonte de informação, acessada de forma direta e, portanto, sem mediação da imprensa. Esse dado reforça a importância de adotar e aplicar adequadamente os princípios da ciência aberta, que, aliás, registrou aumento durante a pandemia de Covid-19, de modo a garantir acessibilidade e compartilhamento do conhecimento científico, tanto para a comunidade científica quanto para o público em geral (BESANÇON et al., 2021).

Para Zoonen (2012), o conhecimento vindo de instituições oficiais e especialistas tem sido cada vez mais colocado em xeque e substituído por crenças, opiniões e experiências individuais. No entanto, estatísticas sobre a confiabilidade geral em relação à ciência e à imprensa, por exemplo, continuam altas, mesmo que algumas de suas afirmações sofram desconfiança. Em consonância a isso, os resultados obtidos demonstraram que, na sequência das produções científicas, os veículos da grande mídia, como tvs, jornais e revistas, são os mais confiáveis para o público acadêmico, como pode ser observado na tabela 4. Na internet, as informações desses veículos foram predominantemente as mais acessadas, tanto em seus portais quanto em suas redes sociais, embora a confiança nos primeiros tenha sido maior, podendo ser justificado pelo fato de que as redes sociais consistem em um amálgama de conteúdos e fontes variados que podem se confundir.

De acordo com Sawyer (2018), mesmo que a mídia tenha evoluído para a mídia social e modificado a forma que os indivíduos consomem informações, assim como também podem produzir e compartilhar conteúdos, a autoridade profissional da mídia tradicional,

que pressupõe credibilidade para o público, ainda se mantém. Baseando-se nessas informações, explica-se as altas taxas de desconfiança dos acadêmicos em relação ao que é compartilhado por perfis e contatos nas redes sociais ou até mesmo pela mídia alternativa, apesar desta corresponder à segunda mais utilizada pelos estudantes no que se refere à internet.

Aliás, a maioria desse público se mostrou preocupada e atenta diante dos conteúdos recebidos, afirmando realizar a checagem dos fatos e das fontes. Entre os participantes da pesquisa, 67,8% checam as notícias que recebem, ao passo que 32,1% não o fazem, correspondendo a uma parcela considerável de quase um terço do total, o que pode ser preocupante. No entanto, a maioria ressaltou não compartilhar os conteúdos recebidos imediatamente. Sabe-se que estas atitudes são indispensáveis para frear o tão conhecido fenômeno das *fake news*, que não é novo, mas que, com as mídias sociais, sofre mudanças em sua velocidade, escala, proliferação e apropriação por pessoas que, baseadas em emoções e convicções próprias, as aceitam acriticamente, podendo servir, assim, para lucros e manobras políticas e interferir em questões de saúde pública, conforme ocorrido durante a pandemia (WAISBORD, 2018). É válido ressaltar que a cada 10 brasileiros, nove já receberam notícias falsas sobre o coronavírus. Assim, apesar de as informações das autoridades em saúde serem corretas, o excesso de informações prejudica o discernimento dos cidadãos (FONSECA, 2021).

Em relação às *fake news* testadas no questionário empregado e retiradas de redes sociais como *Whatsapp*, *Instagram* e *Facebook* (GALHARDI et al., 2020), o público acadêmico foi capaz de distinguir o que é mentira e o que é verdade. A maioria discordou das afirmações que alimentos alcalinos ou gargarejo com água morna, sal e água evitam a Covid-19 e concordou com as verdadeiras formas de prevenção ao coronavírus, como o isolamento social, o uso de máscaras, a higienização das mãos e cobrir nariz e boca ao tossir ou espirrar. A partir dessa análise, infere-se que os participantes da pesquisa foram bem informados em relação à adoção de medidas preventivas eficientes, preconizadas pelas organizações de saúde. Eles também demonstraram possuir um bom conhecimento acerca da Covid-19, por exemplo sobre os sintomas da doença, casos assintomáticos, como e quando procurar ajuda, as formas de contágio e o fato de que pessoas infectadas não ficam imunes.

Esse ponto positivo foi encontrado tanto nos estudantes da área da Saúde como das Ciências Sociais, embora o primeiro grupo tenha apresentado um desempenho melhor. Esses resultados sinalizam a importância no investimento educacional, uma vez que a

credibilidade às *fake news* se dá, dentre outros motivos, pela baixa qualidade da educação e seu sucateamento no Brasil, como mostra a pesquisa de Gomes, Penna e Arroio (2020). De acordo com os autores, quanto menor a escolaridade, maiores são as chances de acreditar em notícias falsas (GOMES; PENNA; ARROIO, 2020). No entanto, Oliveira (2020) adverte, não se deve reduzir o problema a uma questão de ignorância apenas, devendo haver um trabalho conjunto de vários setores para a compreensão do contexto.

Como supracitado, informações veiculadas em meios de informação não oficiais e em redes sociais podem prejudicar a saúde dos indivíduos ao disseminar uma notícia falsa. Diante disso, algumas plataformas e aplicativos adotaram medidas como a exclusão de postagens inverídicas. Além disso, é vasto o número de perfis vinculados às instituições de ensino e pesquisa e de profissionais da saúde que divulgam informações a fim de combater as *fakes news* a partir da difusão de conhecimentos científicos (MONTEIRO, 2020). Contudo, algumas notícias e informações falsas em relação ao que a ciência apresenta também foram publicadas em sites oficiais do governo brasileiro, por meio do Ministério da Saúde, como mostra uma pesquisa realizada por Barcelos et al. (2021). Dois exemplos de categorias temáticas que obtiveram um número considerável de notícias falsas foram “governantes falsificando a vacinação contra a Covid-19”, com 20,1% e a “proporção dos casos e óbitos”, com 19,5% (BARCELOS, 2021).

É notável, portanto, que enquanto o ensino e pesquisa de outros países, sobretudo relacionados às vacinas, se aprimorava e ganhava incentivos, o Brasil sofria e ainda sofre com a politização da emergência de saúde pública global decorrente da Covid-19, como definem Freire et al. (2021). Em relação a isto, houve a criação do Consórcio de Veículos de Imprensa, que passou a coletar dados das secretarias estaduais de saúde e a divulgar o número de mortes, de infectados e de curados para o público, quando o Ministério da Saúde não o fez. Dentre o público da pesquisa, 70,7% reconheceram que faz parte do papel do SUS realizar e divulgar diariamente o boletim epidemiológico. É válido pontuar, então, a desconfiança gerada na população em relação a essa pasta ministerial e, conseqüentemente, a necessidade em seguir as normas sanitárias divulgadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS (RONCALLI; LACERDA, 2020). Como observamos em nossos dados, os acadêmicos afirmaram confiar mais na OMS (69,1% deles confiam completamente na organização) do que no Ministério da Saúde (44,9%), órgão do governo federal responsável pela administração e manutenção da saúde pública no Brasil.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa se propôs a analisar o uso e a confiabilidade da mídia de um público acadêmico no contexto da pandemia de Covid-19, assim como o conhecimento sobre a doença e o comportamento em relação a *fake news* sobre esse tema. Tanto os universitários da área de Ciências da Saúde quanto os de Ciências Sociais demonstraram que, em meio ao grande volume e circulação de conteúdos sobre a Covid-19, eles dão prioridade às informações de veículos da grande mídia e, em especial, às produções científicas. Destaca-se, portanto, uma confiabilidade maior em relação à imprensa e à ciência, em contraponto com as informações que provém de redes sociais, por exemplo.

Nesse sentido, foi possível observar que os entrevistados conseguiram distinguir algumas das notícias falsas que foram veiculadas sobre a pandemia e mostraram que realizam a checagem de conteúdos recebidos, embora, conforme os resultados apontaram, seja preciso aumentar esse exercício. Além disso, o uso de fontes confiáveis teve reflexo no conhecimento demonstrado pelos universitários acerca da Covid-19 em diversas perspectivas, o que é essencial para a promoção e prevenção em saúde, assim como para a não oneração do sistema e o controle da pandemia. Diante disso e no contexto de uma das maiores crises sanitárias já enfrentadas pelo Brasil e pelo mundo, urge ressaltar a importância do acesso à informação, correta e de qualidade, enquanto um direito que é intrínseco ao direito à saúde. Ambos estão previstos pela Constituição e, portanto, devem ser garantidos aos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALNASSER, A. H. et al. The positive impact of social media on the level of COVID-19 awareness in Saudi Arabia: a web-based cross-sectional survey. **Infez Med**, v. 28, n. 4, 2020. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33257629/>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

ARAUJO, I. S.; CORDEIRO, R. A. A pandemíia e o pandemônio: Covid-19, desigualdade e direito à comunicação. **Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 145, dez. 2020 – mar. 2021, p. 215-234.

BARCELOS, T. N. et al. Análise de *fake news* veiculadas durante a pandemia de COVID-19 no Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, n. 45, maio 2021. Disponível em: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/53907>. Acesso em: 18 out. 2021.

BESANÇON, L. et al. Open science saves lives: lessons from the COVID-19 pandemic. **BMC Medical Research Methodology**, v. 21, n. 1, p. 1-18, 2021.

FONSECA, M. N. et al. Avaliação do nível de percepção dos riscos de infecção pelo SARS-CoV-2 e da acessibilidade a informações sobre a Covid-19 no Brasil. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 15, n. 2, 2021, abr./jun. 2021, p. 379-396.

FREIRE, N. P. et al. A infodemia transcende a pandemia. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, p. 4065-4068, jul. 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/1413-81232021269.12822021>. Disponível em: <https://scielosp.org/article/csc/2021.v26n9/4065-4068/>. Acesso em: 19 out. 2021.

GALHARDI, C. P. et al. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciênc. Saúde Coletiva**, v. 25, suppl 2, out. 2020, p. 4201-4210. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>.

GOMES, S. F.; PENNA, J.; ARROIO, A. Fake News Científicas: Percepção, Persuasão e Letramento. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20018, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2021.

KHASAWNEH, A. I. et al. Medical Students and COVID-19: Knowledge, Attitudes, and Precautionary Measures: A Descriptive Study from Jordan. **Frontiers in Public Health**, v. 8, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2020.00253/full>. Acesso em: 23 fev. 2022.

MONTEIRO, I. V. B. et al. Uso da ferramenta de mídia social, Instagram, como meio para contribuir na construção do conhecimento, difundir informações científicas e combater fake news durante a pandemia da Covid-19. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 12, n. 1, set. 2020.

NORONHA, K. et al. Pandemia por COVID-19 no Brasil: análise da demanda e da oferta de leitos hospitalares e equipamentos de ventilação assistida segundo diferentes cenários. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00115320>. Acesso em: 17 out. 2021.

OLAIMAT, A. N. et al. Knowledge and Information Sources About COVID-19 Among University Students in Jordan: A Cross-Sectional Study. **Frontiers in Public Health**, v. 8, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpubh.2020.00254/full>. Acesso em: 23 fev. 2022.

OLIVEIRA, T. M. Como enfrentar a desinformação científica? Desafios sociais, políticos e jurídicos intensificados no contexto da pandemia. **LIINC EM REVISTA**, v. 16, 2020.

OMS. Organização Mundial da Saúde. Painel da OMS sobre o coronavírus (COVID-19). Disponível em <https://covid19.who.int/>. Acesso em 16 fev. 2022.

RONCALLI, A. G.; LACERDA, J. S. Jornalismo e conhecimento: a divergência dos dados da covid-19 divulgados via imprensa nacional e SESAP-RN. Preprint submetido em 24 ago. 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1141>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SALAMEH, Basma; BASHA, Sami; BASHA, Walid; *et al.* Knowledge, Perceptions, and Prevention Practices among Palestinian University Students during the COVID-19 Pandemic: A Questionnaire-Based Survey. **INQUIRY: The Journal of Health Care Organization, Provision, and Financing**, v. 58, 2021. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0046958021993944>>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SAWYER, M. Post-truth, social media and the real as phantasm. In: STENMARK, M.; FULLER, S.; ZACKARIASSON, U. (Orgs.). **Relativism and post-truth in contemporary society**. Berlim: Springer, 2018.

WAISBORD, S. Truth is what happens to news: on journalism, fake news, and post-truth. **Journalism Studies**, n. 19, p. 1866-1878, 2018.

ZOONEN, Liesbet van. I-pistemology: changing truth claims in popular and political culture. **European Journal of Communication**, v. 27, n. 1, p. 56-67, 2012.